



O Messias e o povo de Deus*

Ana Cecília Carvalho**

Belo Horizonte, Brasil

anacdecarvalho@gmail.com

Eu tomava, lentamente, chá de cravos-laranja. O dia seco não apresentava uma gota de água sequer, a umidade relativa do ar não era nada relativa, era como se, no sol, uma espécie de super lente distorcesse todas as imagens.

Eu lia o jornal sem saber que, naquele mesmo instante, Avner Zin já existia e, talvez, já tivesse corrido até a minha porta e deixado lá a palavra escrita com a tinta escorrendo, formando um sol debaixo. Mas eu havia acabado de me levantar e olhava, ainda sonolenta, para a xícara amarela. Mais tendendo para uma inatividade peculiar do que para sono propriamente dito.

Muitas vezes depois daquela manhã, eu me sentaria à mesma mesa e leria as mesmas notícias e tomaria o meu chá anêmico e não pensaria nas pessoas que eu pensava (não pensava) que existissem.

Então, já estava passando da hora de ir, mas eu ainda conservava o meu atrevimento, permanecendo quase imóvel, ainda não adivinhando nada, olhei-me no espelho uma última vez e sorri o meu último sorriso inocente. Um dia eu aprendo, disse em uma voz baixa, ensaiando para falar em nenhum momento, com nenhuma pessoa, talvez com Avner Zin, se o céu tivesse se partido em dois e dele tivesse escapado Zin e seu luminoso nome para baixo, para a terra, para mim.

Para mim, Lea, a mulher que pensava que Zaqueu não dormia eternamente, era assim.

Eu o escutei ressonando na sala quando passei, mas ele não dormia, eu já tinha aprendido isso há muito tempo. Zaqueu se escondia atrás dos olhos e gritava de repente para o coração parar, estourar. Até logo, Zaq, eu disse. Ele saiu um pouco de seu esconderijo e eu vi, por um segundo, o seu olho esquerdo amarelo da cor do chá, seu olho bíblico em luta constante com o reino da Mesopotâmia.

* Este conto foi publicado, originalmente, em: *Trilha sonora para o capitão no sonho*, 1975. Prêmio de Literatura Cidade de Belo Horizonte em 1975.

** Escritora, psicanalista e Professora Aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais.



Eu havia prometido a ele que um dia consultaria uma enciclopédia, ou a Cabala, e saberia se alguma vez os dois reinos dele estiveram realmente em guerra, um tentando invadir o reino do outro para roubar mulheres, vinhas, trigo, moedas de ouro. Até logo, Sara, ele pareceu falar. Os lábios deviam estar um pouco anestesiados, porque Zaqueu bebia muito antes de se deitar. Ele ia a vernissages distantes. Zaqueu, o incansável *marchand d'art* absorvente e quase saturado, voltando todos os dias de madrugada, esbarrando, etilicamente, em tudo que não conseguia ver. Mas, agora, eu sei que ele não tinha culpa de nada, porque naquela manhã, ele também não sabia que Zin estava para chegar e, por isso, continuou deitado, assoviando qualquer coisa em seu diapasão orgânico.

Eu partia, finalmente, sem antes deixar de olhar os quadros espalhados, com o princípio de luz, recortando as encomendas de Zaqueu, as molduras. O que me dava uma sensação de Renascimento, do Príncipe Azul esperando no campo, a tempestade sobre o campo. Sim, porque Zaqueu vinha sempre dizer que a música desenhava a imagem pintada, que, de uma certa forma, compunha escalas e alternava compassos em telas a óleo.

Na frente da casa, os vizinhos já saíam, mas eu não sabia, ainda, o motivo, é claro. Eles me pareceram um pouco surpresos, meio assustados. Talvez fosse alguma má notícia chegada da guerra, eu pensei. Ou, então, eu soube o quanto eu não sabia nada, e tremendo, olhei entre meus seios e entrevi o talismã de prata, a pequena caixa, o resto da arca da aliança. Toquei com os dedos a soleira da porta, o pedacinho da sorte protegida do lado direito, inclinada. Essa é uma casa abençoada, pensei, e de repente eu estava com os olhos colados no nome escrito no chão, a tinta escorrendo amarela pela escada. Avner Zin.

A primeira ideia foi correr para dentro, chamar Zaqueu, não ir ao trabalho, eu tinha uma curiosidade carregada de medo.

Na rua, os vizinhos se juntavam e se separavam, todos vestidos de preto, sem as crianças, sem os cestos do mercado. Eles não olhavam para mim, no entanto, sabiam, mediam tudo o que eu sentia e deixava de fazer ali, pregada à porta da casa, inteiramente paralisada entre as cordas invisíveis daquele nome-pessoa. Não valiam de nada os ímãs da sorte, o livro santo? A tinta continuava a escorrer, brilhante sobre o chão.

Levantei os olhos para os vizinhos. Eles balançavam a cabeça, como se alguma coisa já não fosse possível. Como eles sabiam, do que nada sabiam? Conversavam, as mulheres



fingindo tirar um dedo de pó entre as pregas das saias negras, os homens rodando os chapéus, tossindo, envolvidos em fumaça.

Preparei-me para atravessar ou contornar a palavra. Soube, então, do que ia ser até o fim. Um pé avançou por cima do nome-pessoa. Eu simplesmente não conseguia avançar, por mais que me esforçasse. A barreira que se formava embaçava os vizinhos cada vez mais afastados. Não sei por que, naquele momento, senti um pouco de alívio por não ser minha a culpa pela falta ao trabalho. Nesses momentos, Zaqueu me explicou depois, pobre Zaq, a gente é meio desonesta, meio ladra de peças da sociedade. Zaqueu tão irônico, eu não filtrava muito as suas explicações.

Os vizinhos foram se dispersando. O sol se elevava e ameaçava derreter braços e orelhas de cera.

Mais tarde, voltei para dentro da casa, encontrei Zaqueu embrulhado em seu quimono com girassóis, assistindo às lagartixas encenarem Pirandello. Olá, eu disse. Sentei-me e contei a ele. Ele lamentou, apenas, por não poder mais sair para vender os quadros, transportar a arte como as aves semeiam pólen sem querer, comprar vinho, não poderia, pobre Zaqueu.

Quando ele vem? Perguntou. Os vizinhos avisarão, respondi. Agora descanse, ele falou.

Abri meu armário e tirei dele o clavicórdio de marfim.

No primeiro dia de nossa segunda vida, bebemos e tocamos até o sol de Avner Zin desaparecer.

Os vizinhos vinham ocasionalmente, chamavam da calçada, acenavam. Queriam nos consolar e diziam que Avner Zin não viria.

Na Antiguidade, explicava Zaqueu, assim fez Abraão com seu povo, assim também prometeram os imperadores que sonhavam alcançar as florestas, quando elas se erguiam verdes cheias de cursos d'água.

No Ano Novo, pensamos que ele viesse, mas não veio. Mandou que apagássemos o nome escrito na porta.

Eu o fiz antes do outono. Zaqueu me observou na tarefa, dizendo que eu precisava apanhar sol, enquanto eu lhe respondia que devíamos aguardar mais um pouco. Zaqueu espanou tristemente os seus quadros e, ao estender os braços, notei que aranhas haviam feito teias grisalhas entre seus dedos.



Arquivo Maaravi

Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG
ISSN: 1982-3053

Enviado em: 12/02/2024

Aprovado em: 29/02/2024